



Conferência: O papel do Estado e o lugar do planejamento

- Carlos Lessa, economista e ex-presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES)

Degração “ipsis litteris”

Senhor Carlos Lessa: Boa noite a todos. Eu quero saudando o Presidente Antonio Magalhães e a doutora Célia que fiquei encantado ouvindo aqui hoje, saudá-los. Esse convite para mim tem muito valor. Porque se eu voltasse com os ponteiros do relógio biográfico do passado, eu na verdade comecei no Centro de Desenvolvimento Econômico do BNDES, comecei minha vida profissional lá. Que foi quem lançou no Brasil de forma profunda a ideia que na ocasião chamava-se Programação econômica, para evitar a palavra planejamento que teria um cunho ideológico socialista. Mas, inclusive, o Amado é meu companheiro desse tempo. O que eu queria colocar aos senhores, eu pensei numa palestra, mas eu queria restabelecer alguns fundamentos da presença do Estado na economia. Eu vou fazer essa palestra, mas na medida em que captei pelas intervenções da mesa as angústias que os assaltam, eu vou querer ser sócio dessas angústias também. Então, eu pedi ao rapaz para me alongar um pouco o tempo, para que poder me dedicar aos dois movimentos.

O Primeiro deles eu vou começar me referindo a duas revoluções. A revolução francesa e a inglesa. Eu vou recuperar as duas pela

seguinte razão. A revolução francesa estabeleceu de um formato subitamente inequívoco o conceito de nação com sendo a síntese de um território novo. E ao mesmo tempo fez com que o processo político deixasse de estar associado a uma linha dinástica e passasse a concentrar na soberania do povo nacional sobre o território da nação. Foi um enorme avanço em relação ao passado. Ao mesmo tempo na a frente a primeira revolução industrial se engendrava na Inglaterra. E a Inglaterra tendo se convertido em epicentro do mundo pela primeira revolução industrial construiu uma proposta interpretativa de organização econômica mundial que supria admiravelmente bem aos ingleses. Vocês sabem, pelo menos os que têm formação em economia na sala, sabem que o tema comparativo de riscado justifica de maneira admirável que a Inglaterra se especializasse em produção de manufatura e o resto do mundo se especializasse na produção de matéria-prima e alimentos. O que hoje se re-denominou de commodities. E que permitiria as novas terminologias que hoje têm conteúdos ideológicos adulterados. Mas, deixemos de lado. A verdade é que na revolução industrial inglesa, a Inglaterra literalmente sendo a primeira e dominando todas as tecnologias de ponta e dominando a navegação mundial, dominando a circulação das mercadorias do mundo, a Inglaterra formulasse como proposta a ideia de que o mercado organizaria corretamente as trocas internacionais. Isso permitiu que da economia política inglesa se derivasse uma coisa chamada análise econômica que é uma caricatura da reflexão sobre economia, mas na análise econômica se procurou então, chegar a um conceito abstrato de síntese. Chegou-se a ideia de mercado. O mercado é uma derivação da primeira proposta de organização econômica mundial derivada da hegemonia inglesa.

A ideia de mercado se contrapôs à ideia de nação. Imediatamente. Porque a ideia de nação estabelecia entorno do poder soberano da nação a existência de três instrumentos. Um deles vinha do passado que era o dinheiro. Então, era importante que uma nação colocasse a sua cara na moeda. O segundo instrumento era o poder de aplicar impostos. O poder de extrair um pedaço da renda gerada naquela nação. E o terceiro instrumento era a centralização das funções de defesa nacional e das funções de administração da justiça. Eu diria a

vocês que o saldo tal como emana da revolução francesa tem essas três peças, como constituintes do seu núcleo. E esta figura sintetiza tudo isso numa entidade que os juristas denominam de estado. De um lado temos o estado nação de outro lado temos o mercado. Imediatamente se dá o conflito com a ideia de nação. Porque todas aquelas economias que não haviam sido industrializadas procuraram reproduzir o fenômeno inglês. Isso aconteceu na França, na Alemanha, na Rússia pré-revolução socialista. Aconteceu em alguns países da Europa meridional e do outro lado mundo no Japão. E teve um espaço especial que foi no novo mundo EUA. Nenhum deles acatou a economia política inglesa. Todos eles fizeram discursos nacionais. No caso a Alemanha a proposta foi explícita e recebe o nome de economia nacional. No plano de economia holístico o seu principal teórico para ser o plano da história resgatando a identidade alemã até o movimento humanista que era para frente e para cima, no qual Regall era o personagem central. Não é atoa que [*Inaudível*] e o estado, a suprema criação do espírito humano.

Na França, Napoleão III coloca em prática uma coisa que já tinha sido denunciada por Napoleão I que é o ensino obrigatório universal gratuito. Por quê? Porque duas coisas emanavam da ideia da nação naquele momento. A integridade territorial pela qual cada transfere para a geração sucessora o território que recebeu e em segundo lugar o povo deve se panificar pela relação que existe entre o mestre e o discípulo. O ideal do mestre é que o discípulo supere. O ideal de um foco social é que cada geração seja melhor preparada que a geração a produziu. Ou seja, que a reposição do povo seja feita em padrões cada vez mais ascendente. E se entendeu que era no processo de alfabetização e no ensino de certas regras históricas, geográficas e básicas, por coração que sai a educação pública universal gratuita.

Enquanto isso, a Inglaterra pragmaticamente desenvolve a noção de serviço público. O problema de diferenciar o administrador público do quadro político admitindo que no jogo das mudanças governamentais, deveria haver um plano permanente preocupado com o estado. A noção de serviço público é uma noção inglesa. A

noção de educação pública universal e gratuita é uma noção francesa. E a noção de estado é uma noção alemã. Eu estou simplificando, mas o que eu quero dizer a vocês é que cada um desses países quando... - Os EUA. O primeiro manifesto pró-industrialização foi o manifesto de Hamington, que é um dos fundadores da pátria americana. A ideia de finanças industrializantes é uma ideia que foi formulada por Jefferson. Mas há um dado interessante. Cada país que logrou se industrializar adotou rapidamente a visão ideológica que emana da economia política inglesa. Ou seja, saltaram para o desenvolvimento industrial a partir do estado, no caso da Alemanha. É absolutamente espetacular o que é feito na Alemanha em termos de unificação territorial. Genialização de um idioma que foi criado por uma comissão intelectual. E por aí vai. Eu não vou ficar semeando informações históricas, porque o tempo é curto. O que eu quero é fazer renascer a seguinte ideia: Todo país que procura alcançar uma posição central, em dado momento pensa a economia nacional. Todo país que chega lá tem já adotada a visão de mercado. Por quê? Porque a visão de mercado é que domina. Aliás, quem formulou isso com absoluta precisão foi um romeno que formulou o argumento da indústria nascente. Qual é o argumento? A ideia que pelo mercado, a competição seleciona as empresas mais competentes. E selecionando as mais competentes beneficia a todos. Essa é a ideia.

Só que, o que o Benolesco disse foi o seguinte: com absoluta precisão. Uma indústria quando nasce é uma planta muito frágil. Se ela não for amparada não consegue se desenvolver. É como uma árvore, que a muda pequena tem que ser protegida para se tornar um arbusto resistente. O argumento de indústria nascente é um argumento que posteriormente foi amplificado para sistema industrial nascente. Ou seja, qualquer sociedade que não tenha base industrial tem que adotar em relação ao seu sistema industrial a visão que [*Inaudível*] chamou de sol nascente. E que não vem pelo mercado. Ele surge de um projeto de uma vontade e de um desejo nacional. Como evolui essa história da presença do estado? Nas nações do primeiro mundo que ocuparam espaço central, tendo ocupado esse espaço central, ela se colocam em inúmeras aventuras, a principal delas foram os conflitos coloniais que deram origem a

uma era complicada que é balizada da segunda guerra mundial para resolver este problema. Aonde a ideia de que o controle de recursos de mercado teria que ter sido ao mesmo tempo por diversas potências. Então, as potências entre si entraram em conflito. E foi a base do conflito que se assistiu uma coisa chamada dialéticas do ofensivo e do defensivo. Pois, se há uma competição por hegemonia militar sempre há quem esteja procurando um equipamento ofensivo capaz de derrotar a defesa. E ao mesmo tempo esse é o pretexto para pesquisar um sistema defensivo que cancele o ofensivo.

Então, é uma dialética tecnológica e científica associada a competição militar que passa a dar, em bom português, a linha de frente do desenvolvimento social moderno. Desafios que hoje só me dá uma coisa do século XX relevante que não tenha tido origem na área militar. O avião. Na verdade a competição militar empurrou para frente o horizonte científico e tecnológico que é fundamental para os protagonistas da economia privada tomar decisões de investir. Nos países de centro. E vamos ao detalhe mais importante de todos. Ele vai nos permitir caminhar para o Brasil. Mesmo praticando uma ideologia de mercado, as potências competindo entre si Lançavam mão pragmaticamente de instrumentos de internacionalização do estado. Eu poderia listar aqui dezenas de eventos, mas eu quero chamar a atenção de vocês de uma coisa absolutamente elementar que é o seguinte: As economias organizadas a partir do chamado regime capitalista vivem uma espécie de esquizofrenia permanente que como vocês sabem, qualquer fração de capital, seja ela grande ou pequena, seja ela no setor comercial ou agrícola, industrial ou serviços. Seja ela residente no país ou no exterior, não interessa. Ela tem um pequeno problema. Todos os anos ela tem que ter lucro. Se não tiver lucro o valor do capital se esfumaça. Então, o primeiro problema de qualquer capital é obter lucro. Mas no momento em que obter lucro vem o segundo problema, o que fazer com o lucro? O uso virtuoso seria utilizar esse lucro para desenvolver suas forças produtivas, para melhorar a qualidade das coisas oferecidas. Para ampliar a incorporação da população aos benefícios da modernidade tecnológica. E pelo menos em tese esse lucro em sendo convertido em outro capital, o que é chamado de

investimento, não é compra e venda de ação, nem de papel que rende ativos pré-existentes. O fato pelo qual você amplia a capacidade produtiva e nesse movimento converte lucros em novos capitais. Esse movimento central faz que o capitalismo admirável marche para o crescimento. E ao mesmo tempo introduz um vetor de estabilidade inerente a qualquer economia capitalista.

Se a cada ação corresponder ao modelo newtoniano uma reação com mesmo valor em sentido contrário, qualquer exagero de um participante corresponde a prudência do outro e em conjunto com o sistema encontra suas reações de equilíbrio. Se o comportamento dos empresários for racional. Só que já se sabe que não é racional. O espírito animal tem comportamento perfeitamente racional, nenhum de vocês é boiadeiro, mas não há nada a favor de um estouro de boiada que por alguma razão é um boi que perde a cabeça e os outros o seguem e podem até terminar como nos filmes de western, caindo no desfiladeiro. [*Inaudível*] é exatamente esse espírito animal. A especulação financeira é o espírito animal, o que produziu a bolha imobiliária do Japão há 30 anos atrás foi a especulação imobiliária. O que produziu a bolha norte-americana foi a especulação imobiliária e financeira. O comportamento do empresário regulado por si só o leva com frequência ao abismo. Quando está se aproximando ele pede: - vem estado. Quando está seguro ele volta a falar de que? Voltou a normalidade. – Nos deixe sozinhos que nós encontraremos o melhor caminho do mundo.

É inerente essa máquina de conhecimento e disfunções. A maior parte de vocês já andou de bicicleta. Sabem perfeitamente que uma bicicleta se mantém em movimento e o movimento da bicicleta é fundamental para o equilíbrio do ciclista. A mesma coisa é o avião, que tem uma velocidade mínima a partir da qual ele não voa pior. Cai no chão e se arrebenta. Condições de normalidade exigem crescimento. Se a taxa de crescimento é afetada pelo espírito animal, pode dar o quê? Essa última crise é especificamente um comportamento de manada. Aliás, basta acompanhar o índice da bolsa de valores de SP para se ver o que é manada. Eu estou colocando isso para dizer que muito rapidamente o debate sobre economia entendeu que o estado teria que ter responsabilidade não

apenas de verificar se as regras do jogo estavam sendo respeitadas. Mas, ser ele mesmo o elemento que compensaria essas fases de instabilidade que a economia gera em si mesmo. Ao mesmo tempo foi sendo percebido com absoluta clareza que todo e qualquer investimento produtivo gera as chamadas externalidades.

O que são externalidades? São os benefícios ou malefícios que determinado investimento produziu. Normalmente o empresário toma decisão em função do que a empresa gera como potencialidade de lucro. Espera-se que a decisão dele seja essa. As externalidades sejam positivas ou negativas ele não as computa. Porém, existem determinados investimentos que só geram externalizados. E que pelas suas características são as externalidades desses investimentos que criam as bases para a decisão do investimento privado. Um exemplo de excelência é uma estrada, geração de oferta de energia, disponibilidade de água e por aí vai. Nem todos os investimentos têm a mesma hierarquia do ponto de vista de oferecimento de economia. Se, por exemplo, os investimentos que geram externalidades forem minguados ou não acontecerem geram apagão. Vamos falar a linguagem brasileira. O que é o apagão? O apagão é um subdimensionamento de algo que é necessário para gerar externalidades. Por exemplo, não manter a rede rodoviária, prejudica o tráfego, eleva o custo do frete e reduz o poder de compra das pessoas. Pior que isso, provoca acidentes. O Brasil tem 3 vezes mais acidentes com veículo automotor que o Japão. Isso implica em mortes e sobrecarga na rede hospitalar. O pessoal da área de transporte me disse que com 5 milhões por ano é possível manter a rede federal. Só que esse número não é cumprido nos últimos anos. Então, o sistema rodoviário federal é hoje um sistema de baixa qualidade. Da mesma maneira que a privatização da energia elétrica implodiu o sistema que funcionava e não colocou nada no lugar. Então, o Brasil que tinha a mais baixa tarifa de energia elétrica do planeta, passou a ter uma das mais altas. Mas a lucratividade das empresas concessionárias de energia elétrica no Brasil é recorde mundial. 20% ao ano. Não tem nenhuma empresa de distribuição de energia elétrica no planeta que ganhe tanto. Só que os investimentos em instalação de hidroeletricidade foram postergados. Já deu o apagão no período do FHC. Há um apagão

hoje sob a forma de redução da iluminação pública, basta ver o que acontece em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, vão ficar assustados como está degradado o sistema de iluminação pública. E sem falar das sequências de interrupções e queda de frequência que acontece para todo e qualquer consumidor. Sendo que esse ano aconteceu uma coisa formidável e não houve debate nenhum, que foi a ANEL autorizar simplesmente desconto em folha de um dia por apagão. Então, se der um apagão e queimar os eletrodomésticos você tem direito a um dia de desconto na sua folha.

Mas, acontece que a liberalização de origem é uma coisa que eu esperava que fosse dito. Não disse, mas eu posso dizer. O horror que são as agências reguladoras. Em tese se houvesse o interesse nacional, lá estaria representado. Mas as pessoas sabem que são os interesses específicos e concretos que dominam esses anéis de interesses. E a verdade é que eu não perco tempo controlando política energética, porque eles não sabem o que acontece com os aeroportos. Então, nós não vigiamos nada. As agências reguladoras administram os interesses concentrados privados ligados ao setor. É um estigma de desorganização completa da decisão pública. Aliás, a doutora Célia falou uma porção de coisas e deveria ter dito uma. Nós implodimos no Brasil um sistema que garantia planejamento a longo prazo. Era tupiniquim, era a base de fundos. Fundo rodoviário nacional. Fundo da eletricidade. Fundo isso e aquilo. Dirão vocês: é ruim vincular recursos a médio prazo. Mas isso permite planejamento setorial de médio ou longo prazo. Você implodiu isso e não colocou nada no lugar. Colocou a Secretaria do Tesouro controlando o fluxo de caixa. O contingenciamento arrebatando o esforço de condição orçamentária e medidas provisórias, que vocês também, não falaram. Vamos falar do caos institucional de que padece o Brasil hoje. Onde nós já temos 50 e tantas emendas constitucionais, da Constituição de 88. Eu não sei qual é a Constituição Brasileira hoje. Eu não sei e a maior parte dos juristas não sabe. Eles falam de um apagão institucional. Desculpe-me eu estar falando isso, mas tem o apagão fiscal. O orçamento do Brasil pertence ao território da ficção. Se você deixa a Secretaria do Tesouro administrar o fluxo de caixa é muito mais importante o sorriso do Secretário do Tesouro do que o esforço do planejamento

prévio. Quem faz o planejamento do Brasil é o secretário do tesouro administrando o fluxo de caixa. O resto é ficção.

Só que o secretário do tesouro não tem nenhuma importância em relação ao presidente do Banco Central. Porque o presidente do Banco Central faz duas coisas ao arremedo de qualquer controle. Eu acho que os senhores formam um dos setores de burocracia mais relevantes do país. Não estou puxando o saco de vocês. Militares, diplomatas, juristas e gestores do orçamento público latu sensu, projetistas do gasto público são centrais para o futuro. Foi exatamente o que você falou. Só que a nação brasileira foi despojada de um monte de instrumentos. Em bom português, o apagão elétrico se dá por várias razões, uma delas é o fato das estatais de energia elétrica estarem colocadas sub judice de uma regra de economia de mercado que em última instância vender em bloco a energia para revenderem e ganhar os tais 20% patrimoniais ao ano. Nós temos uma situação de energia elétrica e rodoviária péssimas. Vocês sabiam que a logística no Brasil gasta 12% do PIB. Sabiam que nos EUA que não é um paraíso logístico, gastam 8,9% do PIB. Para se ter uma ideia do desperdício que existe no Brasil com subinvestimento em manutenção da rede de transporte. Foi desmantelado todo o sistema de planejamento do Brasil. O planejamento energético... Essa menina que é candidata a presidência que tentou reeditar isso, criando de novo. Porque dissolveram as equipes de planejamento setorial do país. O presidente Meirelles me pediu para fazer um levantamento de projetos importantes. Eu trabalhei 3 meses com mais 50 pessoas, percorri todas as gavetas existentes por aí. E cheguei ao óbvio ululante. 90% do eu relacionei é do PAC. Só que o PAC só foi executado até agora 47% por razões que a dona Célia falou. E o PAC não pensava o futuro. Colocava projetos que o Brasil já deveria ter feito a muito tempo no passado. Por que nós temos problemas de energia elétrica? Porque Belo Montes, Madeira estão bloqueados por uma porção de coisinhas, inclusive, essa bobagem ecológica que está aí. Eu nunca consigo entender porque eles são contra a represa hidrelétrica. Eu não consigo entender. Porque não há intervenção mais amorosa do ponto de micro climático, do ponto de vista de navegabilidade, do ponto de vista de uniformidade de energia e

energia limpa, segura e renovável da hidroeletricidade. Não há nada pior que termoeletricidade. O nordeste está crescendo bem. Mas tem 62 termoelétricas em construção no nordeste. Quando a usina de Tucuruí deveria ter tido um eixo de distribuição para o nordeste e Belo Monte já deveria a muito tempo construída, suprimindo o nordeste. MS, o nordeste fica feliz com essas coisas. Também, não se une para coisa nenhuma. Não é nem capaz de se unir para brigar pela transposição do Rio S. Francisco. Tem queda de braço entre governos estaduais.

Eu acho que os senhores são portadores do futuro. A carreira fundamental para esse país se estruturar de novo, com soberania nacional. Mas que quero dizer que a doutora Célia é extremamente bem educada, ela fez uma crítica absolutamente elegante. Ela e o doutor Amado têm toda a razão. Há uma euforia boba no Brasil. Os 9% de crescimento do Brasil hoje é apenas a reposição do padrão de produção pré-crise. Nós estamos felicitando o operário padrão anterior à crise. A taxa de investimento brasileiro, que no passado era de 22 a 24% do PIB, agora é 18% do PIB. O crescimento brasileiro é rastejante. Tem os vôos de galinha. Se vocês olharem há 25 anos está cheio de pulo de galinha. Mas não tem trajetória ascendente. A situação da Europa é péssima. A dois dias atrás o governo alemão resolveu cortar em 90% bilhões de Euros. Ele desativou 14 mil militares. Como já tem desemprego na Alemanha o desemprego vai subir mais. Eu não vou dizer do drama da Grécia. Nem vou falar de Portugal que já estava em crise antes da grande crise mundial.

Eu vou dizer aos senhores que a Espanha, a Itália estão no mesmo caminho. A Hungria está fazendo água por todos os lados. A Inglaterra está preocupadíssima. O primeiro ministro inglês acabou de declarar que para frente os tempos serão mais difíceis. E nós estamos nessa euforia delirante, falando em crescimento chinês. Ainda agora especialista da sociedade já estão dizendo que a China já está começando a ratiar. Nós estamos num alegre festival de auto elogio, mas não estamos discutindo o futuro. Vocês aqui são homens de finanças, orçamento, tabelas e tributação. Não são exatamente da receita, mas, dependem dela para poder ter

autorização para trabalhar. Só que vocês são todos subordinados a um presidente da república chamado Meirelles. Porque o Banco Central controla o instrumento central da vida econômica que é a moeda. O que controla o Brasil é a moeda, a taxa de câmbio e a taxa de juros. Que associou a taxa de juros à taxa de câmbio para controlar a inflação, mantendo o real valorizado em relação ao dólar.

No mundo a moeda que mais valorizou depois da crise foi o real. Quem não valorizou foram os chineses que são espertos. Mantiveram o Yan alinhado com o dólar. Nós valorizamos o real em mais de 29% em relação o dólar. Sabe o que significa? Que exportamos menos e importamos mais. Aí o doutor Meirelles fala de aquecimento de economia. Empurra o juro para cima. E aí outro contingenciamento vocês vão pegar. Porque a prioridade absoluta dada a proporção é o pagamento dos juros da dívida.

Alguém falou aqui da pobreza brasileira. Eu vou falar dela porque a constituinte de 88 foi absolutamente avançada e moderna nesse capítulo. Criou-se uma teoria chamada orçamento de seguridade social, que era a mais importante inovação criada a nível de planejamento na Carta de 88. Seria um orçamento que unificaria três itens fundamentais. A previdência social. Ou seja, todo brasileiro tem direito ao encerrar a sua vida laborativa a ter uma licença digna. Englobava todo o gasto com saúde. A saúde é um compromisso do Estado e um direito do cidadão. E diz o seguinte: Nesse país ninguém mais morrerá por estar em situação de alta fragilidade. Então, estabeleceu a pensão vitalícia permanente para os portadores de deficiência, para o não contribuinte da previdência. Fez uma operação de proteção dos juntos a alta fragilidade. O constituinte de 88 imaginou essa seguridade não por neologismo. Imaginou um orçamento que era o inverso do fiscal. No fiscal começa com uma projeção de receita. Se você mexer nela, você está prometendo u orçamento inexorável. Em tese você gasta em função do que foi autorizado a arrecadar. Se gastar mais tem déficit. Se gastar menos tem superávit. Para isso existe a dívida pública como instrumento que vem equalizando plurianualmente a execução do orçamento. Esse é o fiscal. Mas quando o constituinte de 88 disse que nenhuma velhinha que não teve contribuição morrerá de fome. Porque vai ter

uma pensão mínima. Quando o constituinte disse que nós brasileiros não deixaremos nenhum portador de deficiência morrer de fome. Quando nós dissemos que no limite de nossa capacidade técnica poderemos afastar os fantasmas da doença e da morte prematura, nós brasileiros decidimos que essas são as prioridades. O orçamento de seguridade não pode ter deficit. Ele fixa compromissos e o fiscal fica subordinado a cobrir os compromissos.

O constituinte criou as contribuições. Contribuição não é imposto. Para quê? Para acabar com a participação dos estados e municípios. Depois juntou tudo num caixa único as contribuições. Então, todo mundo fala em déficit da previdência. A previdência não tem déficit. Existe um furto de recurso de orçamento de seguridade feito pelo orçamento, que nem é o de vocês. Na verdade, é o secretário do tesouro com o caixa único que controla. Vocês têm que suar a camisa discutir muito e colocar esse assunto em debate nacional. porque da mesma maneira que ninguém acompanha o que está acontecendo na energia elétrica, porque é uma coisa horrorosa. Sabe como se fixa a tarifa? Pela termoeletricidade. Na medida em que se aciona a termoeletricidade você eleva a rentabilidade de todos os blocos de energia elétrica comercializados no mercado. As elétricas estatais são obrigadas a vender em bloco sua energia. Então interessa muito pouco o apagão, sim. Isso foi CPI no congresso, isso foi examinado, mas depois saiu da pauta.

Historicamente o Estado é fundamental para a construção do futuro. Para que o futuro não esteja sujeito ao espírito animal, o Estado dos países centrais tem que pelo menos segurar as pontas. Ou seja, quando tem excesso de atividade, freia. Quando tem oferta de atividade, estimula. E vai mantendo a bicicleta em funcionamento. Porém, para países que não têm base industrial e todo mundo são ocupados por grandes economias, só tem um jeito. Projeto nacional. Mas o projeto nacional não está em acordo com a economia global. O projeto nacional é uma afirmação do que o país quer ser a longo prazo. Qual é o projeto nacional brasileiro. Eu não sei qual é exatamente. Pelo que eu saiba é se integralizar no mundo globalizado. Mas, o mundo globalizado está demonstrando como o espírito animal pode produzir desordem nos países do primeiro

mundo. Então, o Brasil devia estar construindo salvaguardas. Ao invés disso, nós estamos vivendo, estamos na globalização. Não há projeto nacional brasileiro. Existem boas intenções no Brasil. Eu gostei muito da sua fala. Parabéns.

Países como o Brasil, são países onde é impensável crescer. Crescer e transformar a estrutura produtiva. Não interessa ao Brasil voltar à república velha quando nós exportávamos commodities. Não interessa ao Brasil crescer exportando soja, carne e petróleo. Interessa ao Brasil aumentar a disponibilidade de energia para o brasileiro. Nós só temos 1.06 de toneladas de petróleo por brasileiro, quando a média mundial é 1.16 e a média do primeiro mundo 4. Alguma coisa. Aumentando a disponibilidade de energia, nós vamos qualificando o trabalho do brasileiro. O Brasil tem uma sequência impressionante e óbvia de necessidades. O Brasil precisa de mais e melhores alimentos, mais água, mais energia, mais habitações. Não é nada difícil traçar o panorama de aspirações dos brasileiros. Nós não queremos ser potência mundial nem queremos disputar hegemonias em nível mundial. Nós só queremos como diz o garoto da favela, ser feliz na favela onde eu nasci. O brasileiro quer ser feliz no Brasil. O Brasil tem recurso para isso. O Brasil não aproveitou a metade do seu potencial hidrelétrico. Tem a bacia de Campos e o pré-sal que vem aí resolvendo a questão do combustível não renovável. Nós temos terras com sol e água e quase não temos desertos. O Brasil tem tudo para atender corretamente os seus integrantes.

O projeto do Brasil é fazer o que o Meirelles quer? Aumentar a taxa de juros para frear o crescimento da economia a título de desaquecimento. O Meirelles deve estar perdendo noite de sono, porque houve essa recuperação de 9%. Mas como ele sabe que só recuperou o pré-quinze. Ele fala que a inflação pode voltar e de novo eleva a taxa de juros. Pára o Brasil de novo e puxa capital de fora. E puxando capital de fora ele segura a taxa de câmbio. É só isso que é feito nesse país. Qual é o projeto nacional brasileiro? É fazer com que Bradesco e Itaú sejam os bancos mais lucrativos do planeta. Em números reais os bancos cresceram durante o período FHC 11% ao ano. Durante o período Lula 14% ao ano. Duas coisas

que crescem aqui aceleradamente são: o lucro dos bancos comerciais os chamados mercado de capitais e a frota de automóvel. Que dobrou em 10 anos. Eu chamo de crescimento casa Bahia, porque é assim: a família se endivida. Os juros [*Inaudível*] ela transfere renda. E a dívida que é exatamente aonde o setor bancário pode se expandir e gerar aplicações mais notáveis. E o que o setor privado faz? O juro está muito alto. A dúvida para frente é como o empresário que sabe que sabe que o orçamento está sujeito a contingenciamento vai tomar a decisão de investir em qualquer coisa para servir o setor público. É temerário. Ou não? Só se o secretário do tesouro quebrar o galho.

O que é um projeto nacional? É a definição com clareza de qual é o país que nós estamos dispostos a nos esforçar por ter. Essa pergunta ainda não foi feita em nenhuma das sucessões presidenciais que eu acompanhei. Ah! A educação. Eu até aceito. Eu sou professor e dou muita importância a isso. Eu acho que a educação não resolve emprego. Educação é compatível com desemprego e com exportação de mentes qualificadas para o exterior. Aliás, em 2008 140 mil jovens brasileiros com cursos universitários concluídos ou inconclusos migraram para o exterior. O Brasil virou exportador de mão-de-obra. Nós éramos importadores e passamos a exportar. É terrível. Agora voltaram 300 mil mais ou menos por conta da crise mundial.

Mas o Itamarati calcula em mais de 3 milhões os brasileiros que estão fora. Melhora a qualificação do brasileiro e não se faz investimento para gerar emprego. Eles se exportam. O doutor Meirelles mantendo a taxa de câmbio valorizada faz com que as remessas para as famílias míngue. Então, eles estão retornando porque não está dando para sustentar a família com o que mandam de fora.

O planejamento, o orçamento, começa por responder a seguinte pergunta. Qual é o Brasil que nós estamos perseguindo? É para ser uma economia exportadora de carne, soja, minério de ferro, petróleo. É isso que queremos ser? Uma república velha sofisticada. A república velha exportava café. Agora tem muito mais coisas. Mas com a mesma postura da economia cafeeira, com uma diferença, a

semente do café era produzida pelo Instituto Agrônômico de Campinas. A empresa ferroviária transportadora era uma ferrovia paulista ou do estado ou dos cafeicultores paulistas. O porto de Santos era administrado por uma empresa nacional com ações cotadas na bolsa de valores do Rio de Janeiro. Os exportadores de café eram nacionais.

A soja. Fertilizante que era nacional foi privatizado agora é estrangeiro e tem um monopólio controlando o tratamento de fertilizantes. Máquinas. Nós não fabricamos máquinas agrícolas. Exportador só tem uma grande firma brasileira. É melhor exportar óleo e farelo de soja. E não o grão. Mas o que é melhor exportar o farelo ou usar para engordar boi. É melhor engordar o boi e mandar a carne processada. É melhor exportar couro de vaca cru ou exportar couro transformado em calçado. Qual é a proposta brasileira de ampliação de presença no comércio exterior. É vendendo soja, minério de ferro? O nosso principal comprador hoje de minério de ferro é a China. A China tem muito carvão metalúrgico. Sabe o que os chineses fizeram? Assinaram contrato de fornecimento a longo prazo com a siderurgia chinesa usando a mineração de carvão chinesa. Depois contingenciaram as exportações de carvão metalúrgico e empurraram o preço para cima. Com o minério de ferro da Vale do Rio Doce e o carvão chinês está enricando aço na Argentina. Expulsando o aço que a Usiminas vendia para Argentina. E a Vale compra 3 mil vagões na China. Sabe como os chineses compraram aviões da Embraer? Exigiram que a Embraer pusesse na China uma planta para produzir metais para os aviões. Nós compramos 3 mil vagões ferroviários pela Vale do Rio Doce e nenhum colocado pela Vale para encomenda dentro do Brasil. Mas estamos deixando todos os grupos internacionais comprarem minérios de ferro. Então, a Vale vai enfrentar problemas sérios. A saída para ela é virar uma mineradora em escala mundial. Ela compra minas de níquel no Canadá, não explora o níquel do grande Carajás. O projeto nacional é que a Gerdau, a Vale e essa ridícula Brasil Foods que na verdade é Sadia e Perdigão, mas tornou esse nome para ganhar charme. E o que me interessa? O que interessa ao brasileiro humilde? Que a Vale do Rio Doce vire grande

mineradora internacional. Interessa que desenvolva a província de Carajás, a província que está sendo entregue aos Ianomâmis, etc.

Mas a Vale tem maioria de ações em mão do Estado brasileiro. Um pedaço pertence a PREVI e outro pedaço pertence ao BNDES. Por que a Vale continua administrada pelo Bradesco? Doutor Meirelles deve saber a resposta. Qual é o projeto que nós temos? É nos integrar num mundo em crise? Pegar pela frente um comportamento animal do capitalismo? Ou construir uma sociedade que atenda as aspirações dos brasileiros que ao são assim tão incomodas nem exageradas. Comer melhor, morar melhor, ter uma escola que funcione. Aliás, em tempo um comercial. Em 2008 31 países do mundo fizeram um teste com grupos etários de estudantes de 12 a 14 anos. Aplicaram um texto para ser interpretado, um texto simples e as 4 operações elementares de matemática. O Brasil ficou 31°. A pior posição mundial.

Eu me sinto muito em casa conversando com vocês, porque as angustias que vocês vivem hoje. São angustias que nós tivemos no passado, quando a gente olhava o estado brasileiro. O Estado brasileiro era uma coisa muito complicada, por exemplo, como as burocracias têm fidelidades verticais, cada ministério cuida de si e órgãos que tratavam de todos os assuntos. Então, você chegava a ter Ministério do Desenvolvimento Urbano com programas de estradas vicinais que é o equipamento menos urbano por definição. Porém, nós tínhamos algumas coisas mais ou menos organizadas. Controlávamos o câmbio, tínhamos um sistema bancário muito forte. E porque não foi privatizado permitiu o Brasil sair dessa crise com relativa facilidade. Se não fosse o Banco do Brasil e o BNDES nós não tínhamos tido os 9% de crescimento. Se não fosse o Estado nacional brasileiro esses 9% que está sendo festejado, não teria acontecido. Na verdade o que os bancos públicos fizeram foi o inverso do que os privados fizeram. Felizmente o Presidente Lula demitiu o presidente do Banco do Brasil que estava sendo responsável por expandir as operações. E corretamente. Porém, foram as questões que sobraram do aparelho do estado brasileiro que nos tiraram dessa crise. Mas, não é suficiente. Eu acho que especialistas em planejamento e orçamento devem em primeiro

lugar pensar Brasil e pensar qual é o Brasil que sonham e querem para o futuro. E a partir daí discutir se as instituições do setor público e instrumentos de atuação do estado estão adequados ou não. Eu sou favorável que o orçamento de seguridade social seja efetivamente implantado e as contribuições sobre transações financeiras e a contribuição social sobre o lucro das empresas passem para o interior do orçamento de seguridade social. Eu acho que o superávit primário tem que ser reduzido. Acho um absurdo o Brasil não tributar prestações estrangeiras em dívida pública brasileira. Combinando isso com cláusula [*Inaudível*] cambial, nós criamos um papel brasileiro de primeira linha com o quadro mundial desarrumado. O doutor Meirelles pode até fazer crescer as reservas de [*Inaudível*]. Só que os senhores não sabem que nós aplicamos nossa reserva em títulos do tesouro norte-americano que rendem menos de 1% ao ano e pagamos a taxa básica Selic que o doutor Meirelles fixa. Só esse item é maior do que o contingenciamento que vocês fizeram referência desse ano.

Então vocês, por favor, na medida em que vocês tenham entidade de direito privado onde vocês possam se reunir e discutir essas questões, vocês vão fundo. Abra a discussão com clareza quem é que quer globalização e quem não quer. Quem acha que o aparelho de estado tem que ser mais robustecido, quem acha que a inflação de energia elétrica está errada no país. Vamos começar a fazer a divisão pelos temas relevantes. Porque é necessário que haja debate no país. Os temas fundamentais para o futuro não estão sendo discutidos. A manchete hoje era o crescimento chinês no Brasil. 9%. Produto industrial esse ano. A China no ano passado em plena crise mundial cresceu quase 8% como um todo. A China está fazendo um programa de infraestrutura colossal. Nós estamos fazendo o PAC aos trancos e barrancos, 47% de execução, a doutora Célia disse com clareza qual a razão. Qual é o gestor público que vai preparar concorrência se não sabe se vai poder lançá-la. Aí ele passa por incompetente porque não consegue gastar. Senhores muito obrigado. Eu agradeço imensamente o convite. Peço desculpas por algumas irreverências. Quero dizer a vocês que não fiz nem metade do que costumo fazer. Fui bem comportado. O Brasil é um país que tem enorme potencial de futuro. O nosso presente é um presente

que nós não sabemos exatamente onde estamos. Nós não temos uma discussão sólida sobre os nossos alicerces. Nós estamos achando que as coisas podem ser tratadas a níveis de manchetes. A manchete de jornal é um jogo de disfunção do debate. Vou dar um exemplo, a menos de um mês o Haiti foi atingido por um terremoto, morreram 230 mil pessoas. Durante uma semana a mídia do mundo inteiro mostrou coisas terríveis. Na semana seguinte houve o terremoto no Chile. Saiu de palco o terremoto haitiano, entrou o chileno que deu 700 e tantas mortes. Depois veio um terremoto na China. Por que o homem comum lê a manchete, lê a outro e chega a conclusão que o mundo está sujeito a terremotos. Ele naturaliza o terremoto. Ele não se perguntou por que no Haiti morreram 230 mil pessoas. Por que as doações não conseguem chegar às pessoas do Haiti? Porque não existem estradas haitianas. Se quiserem um exemplo liberal, pergunte o que a economia de mercado fez no Haiti. Nada. Mas os americanos mandaram tropas para lá imediatamente. Para haitianos não migrarem para os EUA. O Japão está dando 5 mil dólares para cada brasileiro filho de japonês que retorne. Retornaram já 60 mil dos 300 que estão lá. Nós temos que aprender a discutir em profundidade. Vocês têm um conhecimento extremamente importante. A ponta do conhecimento de vocês ficou clara para mim na mesa de abertura. Agora, vocês têm que rasgar a fantasia. Não pode ficar escondendo. Não se pode dizer que está errado, mas está indo bem. Se está indo bem o erro é bom. É o raciocínio estratégico mais elementar. Está se queixando de que? O país não está indo bem? Não está com uma ótima política social? Não está crescendo? Não vai ser potência? Esse era o discurso do Geisel. O Brasil ia ser uma grande potência. [*Inaudível*]... porque nas crises mundiais a gente levanta sacode a poeira e dá a volta por cima. Nós estamos repetindo esse tipo de discurso agora. Tem que mostrar com clareza que o Brasil o que tem feito é uma bobagem com relação à potencialidade brasileira. Muito obrigado e boa sorte.